



O REITOR DA USP NÃO QUER A CASA DA XILOGRAVURA

Antonio Fernando Costella

Sempre nos preocupa mos, eu e Leda, minha mulher, com o futuro da Casa da Xilogravura, para que, depois de nós, a coleção continuasse íntegra e aberta ao público. Por isso, em um testamento, deixei o acervo, como legado, ao Governo do Estado de São Paulo. Depois, observamos que a Pinacoteca do Estado, embora as conserve com competência, dá pouco espaço para a exibição de gravuras e, portanto, não atenderia bem à função social da visitação pública.

Resolvemos, então, destinar o Museu para a Universidade de São Paulo, mas, além do acervo, também o imóvel, com três prédios, sendo que um deles dispõe de 30 salas aptas para ampla exibição das obras ao público. A USP, ademais, possui muitos museus e tem competência museológica. Na decisão influíu também um dado sentimental: na USP me formei e nela lecionei.

Feita a oferta por escrito à USP, recebemos em 3.9.2002 a resposta na qual o Reitor Adolpho José Melfi veio **"manifestar o interesse da Universidade de São Paulo em tornar-se beneficiária do acervo e do imóvel (...)"** e consultava-nos **"sobre a reversão da doação do referido acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo para a USP"** (...). Essa correspondência deu início ao **processo USP nº 2002.1.18817.1.0**.

Na sequência, o CPC - Conselho de Patrimônio Cultural acionou a Comissão de Acervos Notórios da USP, que promoveu vistoria nos prédios do Museu e análise do acervo. Com esses e outros subsídios, inclusive um parecer jurídico da Procuradoria da USP, a Comissão, por unanimidade, em laudo de 20.02.2003, assinado por seis notáveis professores da Universidade **"deliberou favoravelmente pelo recebimento do acervo em questão"**. O CPC, por sua vez, referendou a aceitação do legado. Daí, assinei em 9 de outubro de 2003, no 12º Tabeliona-



Museu Casa da Xilogravura em Campos do Jordão (SP)

to de Notas da Capital, o testamento público por força do qual a USP tornou-se legatária exclusiva dos prédios e do acervo da Casa da Xilogravura.

A seguir, o Pró-Reitor de Cultura Adilson Avansi de Abreu emitiu Portaria em 09.12.2004, publicada no Diário Oficial do Estado de São Paulo, instituindo uma Comissão de Trabalho, composta por três insígnies professoras, comissão essa para **"estudar formas de viabilizar atividades conjuntas entre a Universidade de São Paulo e o Museu Casa da Xilogravura, localizado em Campos do Jordão..."** Cabe lembrar que o **"Jornal da USP"**, de 14/20 de fevereiro de 2005, ano XX, nº714, divulgou, jubiloso, com chamada de capa, a futura herança. Em 2013, a Pró-Reitora de Cultura Maria Arminda do Nascimento Arruda emitiu as Portarias 62 e 73, criando Grupo de Trabalho com 8 membros para viabilizar a incorporação do Museu ao patrimônio da USP.

Com base nessa institucionalização legal, sobrevieram duas décadas de intensas atividades conjuntas extremamente profícuas, que não custaram nada aos cofres da USP. Não recebemos nunca, nesses vinte anos, nem antes, nem durante, nem depois, sequer um centavo da USP. Aliás, pelo contrário, passou a ser gratuita a entrada no Museu para professores, funcionários e alunos da USP. E demos assistência e hospedagem para pesquisadores uspianos que vie-

ram consultar nosso acervo e nossa biblioteca. Daí, resultaram vários trabalhos acadêmicos, inclusive uma dissertação de Mestrado e uma tese de Doutorado, aprovadas na Escola de Comunicações e Artes da USP, tendo como tema a Casa da Xilogravura e suas funções educativas. Fizemos exposições de gravadores da ECA/USP; sediamos uma Estação USP durante um mês de julho, com cursos de xilografia, por nossa conta, e mostra de fotografias; cooperação com o International Liaison Office da USP; fornecemos material para a exposição **"Uma Casa para a Xilogravura"**, que se apresentou na Casa da Dona Yaya, no Parque Cientec, ECA/USP e Casa da Xilogravura. E muitos outros eventos cujas notícias se incluem nas centenas de páginas do referido Processo USP nº 2002.1.18817.1.0.

Hoje o Museu possui 8.017 xilogravuras de 1.770 artistas brasileiros e estrangeiros; 4.081 livros especializados (biblioteca); 1.084 folhetos de cordel; 1.787 revistas antigas; 1.138 clichês tipográficos; 660 unidades de expositores; máquinas históricas de gráfica, inclusive uma completa tipografia de composição manual **"gutenberguiana"**. O Museu é reconhecido internacionalmente, tendo se tornado, por convite, membro da Association of European Printing Museums. O imóvel, no qual está instalado, situa-se em lugar privilegiado de Campos do Jordão e tem valor histórico, pois anteriormente

foi mosteiro de monjas beneditinas.

Como completei 80 anos e sofro de vários problemas graves de saúde, pareceu-nos oportuno antecipar a doação, em vida, do imóvel e dos acervos para a USP. Tendo comunicado tal intenção, fomos convidados para uma reunião com o Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior, a qual realizou-se em 26 de outubro de 2023 na Reitoria, com a presença de mais duas pessoas relevantes da USP. O Reitor, então, informou não ser possível receber a doação, porque ele não teria como justificar os custos futuros de manutenção do Museu. Exibimos uma planilha para mostrar que os custos são pequenos, principalmente se comparados com o grande valor do patrimônio doado. Todavia, o Reitor ponderou que, sob gestão da USP, não bastariam cinco pessoas para tocar o Museu, como ocorre agora, e que os salários na USP são muito maiores que os usuais no País, gerando um dispêndio que seria multiplicadamente maior do que costuma ser o nosso. E, assim, o Reitor deu por finda a relação de mais de vinte anos da USP com o Museu.

O reitor prometeu nos dar uma carta relatando sua recusa e as causas que a justificaram, mas passados mais de 2 meses não a forneceu.

À vista de tal situação, ainda perplexos, Leda e eu, estamos cogitando escolher outro órgão público que tenha a competência necessária e aceite tornar-se legatário da Casa da Xilogravura, a fim de que o Museu possa continuar, no futuro, a prestar sua função socialmente útil.

Campos do Jordão, 26 de dezembro de 2023.

Antonio Fernando Costella é escritor, pintor, jornalista, professor, advogado, editor, fundador e diretor do Museu Casa da xilogravura e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.





Raymundo voou para o além

Colaborador do *Linguagem Viva*, escritor, poeta, contista, cronista, romancista, novelista, advogado e procurador do Estado de São Paulo Raymundo Farias de Oliveira faleceu, aos 97 anos, em São Paulo, no dia 11 de dezembro de 2023.

Nasceu em Missão Velha (CE) em 21 de agosto de 1926. Passou a infância em Presidente Prudente (SP). Firmou residência em São Paulo.

Manteve durante duas décadas uma coluna literária no jornal *O Progresso de Tatuí*. Colaborou nos jornais *O Momento* (Presidente Prudente – SP), *Itaytera* (Crato – CE), *Repertório Latino Americano* (Buenos Aires – Argentina), *Literatura Brasileira* (São Paulo – SP), *Cadernos do Tâmega* e *Suplemento das Artes e Letras* e no jornal *Primeiro de Janeiro* da cidade do Porto (Portugal).

O livro *Poemas da Madrugada* foi agraciado com menção honrosa do Pen Clube de São Paulo e com o Prêmio José Ermirio de Moraes, no Masp. O romance *República da Frei Caneca* foi eleito pela Academia Paulistânia de História o “Livro do Ano”.

Autor de *O Comício*, *Prece ao Vento*, *Parlamentarismo – Plenitude Democrática*, *Horário Nobre*, *Companheiros de Viagem*, *Sob o Céu de Jerusalém*, *O Espelho do Tempo*, *Poemas da Tarde*, *O Voo das Borboletas*, *Voo Noturno*, *Sob a Garoa de São Paulo*, *Valsa do Adeus* e *A Rua da Minha Meninice*.

Exerceu o cargo de presidente e de secretário da Associação dos Procuradores do Estado de São Paulo.

Lamentamos seu falecimento, uma perda irreparável para as nossas Letras.

Linguagem Viva perde o amigo e o grande colaborador que encantou os leitores com seus poemas e textos há mais de duas décadas.



Raymundo Farias de Oliveira

divulgação

CHÁ

Raquel Naveira

O chá é a bebida mais consumida do mundo. A infusão mágica feita com raízes, ervas, frutas e água quente, que, ao mesmo tempo, ativa o metabolismo e acalma os nervos.

O primeiro parágrafo do romance *Retrato de uma Senhora*, de Henry James, descreve uma cena típica inglesa: uma casa com fachada de tijolos vermelhos à beira do rio Tâmisa; um gramado verde entre carvalhos e faias; a mesa posta para o chá. Comenta o autor: “Há poucas horas na vida mais agradáveis do que aquela dedicada à cerimônia conhecida como chá da tarde... Das cinco às oito horas é, em certas ocasiões, uma pequena eternidade, mas numa ocasião como esta, o intervalo só podia ser uma eternidade de prazer.” E daí para frente as personagens nos são apresentadas entre sorvos de chá de jasmim e pimenta preta, acompanhado de geleias e confeitos de mel e limão. Há também um olhar especial sobre o aparelho de chá: as louças de porcelana, xícaras e pratos decorados com desenhos de pássaros e cores brilhantes.

Fecho o romance e o guardo na prateleira. Dizem que os ingleses aprenderam a tomar chá com a princesa portuguesa Catarina de Bragança, que se casou com um rei britânico. E que os portugueses, por sua vez, foram os primeiros europeus a tomar contato com o chá, quando chegaram ao Japão, lá pelos idos de 1500.

Japão... que país poético. Já sei. Vou convidá-lo para tomar um chá comigo esta tarde. Colocarei a mesa perto da varanda; vestirei

um quimono de seda e meias brancas; acenderei grãos de incenso; farei um arranjo de flores, talvez orquídeas. Na estante baixa encostarei uma gravura: um noturno de lua, neve e folhas de plátano.

Não deixarei que meu rosto transpareça nenhuma tristeza, nenhum pesar, nenhum aborrecimento de pobreza. Demonstrarei cortesia e paz. Sentaremos de frente um para o outro. Nesta estação de outono, prepararei um chá verde espumoso, que tomaremos aos poucos, em silêncio, desligados do mundo e do tempo. Várias vezes pegarei o bule do braseiro, as mãos em gestos de um delicado balé. Colocarei mais chá, mais açúcar com uma concha de bambu. Serei uma espécie de monja e gueixa. Minha filosofia, a do equilíbrio e da purificação.

Convido-o a tomar um chá comigo esta tarde. Prometo que jamais haverá um momento igual. Olharemos da varanda os prédios, os espigões altos e cinzentos, palitos fincados na terra. O sol baixará no horizonte, numa claridade frouxa de crepúsculo e agonia. A noite envolverá tudo com sua opressão vitoriosa, seu negror de luto. Luzes se acenderão nas janelas como tochas. Lanternas vermelhas. Eu terei chorado depois do beijo e meu olhar derramará estrelas.

O chá... sempre pode ser um encontro ou uma despedida.

Raquel Naveira - Campo Grande (MS) - é escritora e crítica literária. Membro da Academia Sul-MatoGrossense de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Cristã de Letras de São Paulo.



LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 160,00
Semestral: R\$ 80,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil.

Banco Bradesco - agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: (11) 97358-6255 ou rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Contato: (11) 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br

Assinatura anual R\$ 150,00 e semestral R\$ 75,00.

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Sonho Ilusório

Poemas de Rosani Abou Adal
Capa de Janaina Adal da Costa Millan
Prefácio de Maristela Sanches Bizarro

www.estantevirtual.com.br/

(11) 97358-6255 - rosani@linguagemviva.com.br

www.poetarosani.com.br





Uma cosmovisão poética

Ronaldo Cagiano

Seccionado em quatro campos semânticos, “Fotografia de um minério” (Ed. Folheando, Belém, 2022), de Luciano Lanzillotti, rastreia, como sugere o próprio título, a mineralidade existencial, a partir de uma concepção metafórica sobre a condição humana. A partir de um olhar sobre os matices e formas que compõem a realidade e seu entorno, como também abrindo-se a uma imersão no intangível ou no que está submerso no aluviões do inconsciente, o autor desvela as esfinges que espelham nossas dúvidas.

As lentes do poeta fotografam os dilemas, tumultos, dicotomias e tensões do ser num mundo calcificado por um rol de demandas, sondam as monolíticas faces de uma experiência existencial que se constrói a partir de muitos passivos. No conjunto de poemas enfeitados em *Jásper: esfinges, moradas, estilhaços*; *Opala: cidades, manadas, máquinas*; *Quartzos: amores, despedidas, relógios*; *Turmalina: construções, plantas, livros*, Lanzillotti dissecou os escombros da caminhada, a solidão e a insularidade do rebanho humano nessa época de coisificação e etiqueta. Tudo amalgamado num simbólico enquadramento que se nomeia sob uma relação metafórica com quatro pedras angulares e de valor transcendental.

O poeta vasculha os ermos das impurezas do homem, essa pedra bruta com seus palimpsestos em eterna oficina de lapidação, como ao constatar, em clave de inquirição, em *Tecido mole*: “Porque será mais fácil adentrar/ as profundezas da Terra e do mar/ o que se achegar ao outro?! São muitas as camadas/ que compõem um corpo:/ armadura complexa e feita/ de um tecido mole/ mas quase impenetrável.”

Em todo o livro o trabalho centra-se numa cosmovisão, na medida em que a frontalidade de cada poema visita instâncias íntimas ou percorre territórios e geografias humanas, sociais e políticas, mergulha na memória, transita pelos



afetos, discorre sobre esses tempos de escuridão e barbárie, especula sobre nossas dores & delícias ou indaga sobre a certeza da finitude na corrosão dos poiteiros: “Quem conseguirá/ domar a soda cáustica/ do tempo?” No labirinto dos questionamentos que se sucedem, essa safra poética atinge um expressivo grau de reflexão, numa leitura profunda que desvela uma panóplia de inquietações. E à moda de Drummond, o poeta também perdeu o bonde e a esperança, mas não se dá por vencido, oferecendo seu contraponto, seguindo-os “pelos trilhos./ Pé ante pé/ cabeça baixa/ mas que/ certas vezes/ se levanta/ e observa o estranho margem.”

Eis uma poesia cujo ceticismo também se contamina de um certo niilismo ao registrar os infortúnios de um tempo acossado por injustiças sociais, como se colhe de *Lições da contracorrente* e suas ressonâncias intertextuais: “Caminho ao lado/ de pessoas com fome/ sem casa ou título. / Lutam/ pelo pão de cada dia/ pelo remédio caro da farmácia/ por um lugar no chão./ Nada sabem sobre ti, Walt Whitman./ Nem de tuas armas e escravos, Arthur Rimbaud./ E atravessam a rua como se houvesse/ algum tesouro/ ali na esquina.” No mesmo diapasão enuncia o poema “Quando foi?” (*Enquanto o ônibus se movimentava/ sinto-me como passageiro/ de futuro inerte/ desamparado/ tímido./ Passo e vou lendo Alberto Caeiro/ que transita entre outeiros/ fora das cidades. (...) O que se assemelha à visão do inferno de Dante/ é apenas mais um dia/ no Rio de Janeiro/ e ao desembarcar/ carregado insistente*

pergunta:/ quando foi/ que nos tornaram isso?), que reflete sobre o nosso desassossego, na mesma linhagem de *Banco*, que desfeire: “A saúde/ a vida/ e os sonhos devassados/ mas a poesia/ íntegra e a plenos pulmões.”

Luciano Lanzillotti que em sua estreia poética com “Geometria do acaso” (Ed. Dialética, 2021) já prenunciava uma escritura segura e versátil, numa perspectiva de permanente burilamento do diamante multifacetado da linguagem, obra que consolida sua oficina criativa e aprofunda sua preocupação com as questões que nos afetam num cenário regido pela distopia e convulsões, pois a poesia é sua fatura de luz para brigar nas trevas dessa *Insuportável vida*, em que “Uma fruta/ apodrece/ caída/ embaixo da mesa./ Revela-se/ tão somente/ quando cor e cheiro/ evocam/ o insuportável/ da vida.”

Vamos encontrar na cartografia poética de Lanzillotti um

sentido que corrobora a mesma noção defendida por Nuno Júdice em seu ensaio “As regras da poesia”, para quem “a poesia nasce de uma desilusão primitiva com o mundo, de que a rejeição da palavra como objeto-do-mundo é o passo decisivo. Aquilo a que aspira o poema é a nomeação desse outro mundo para além da esfera real, que só pode ser trazido à consciência através da palavra poética, mas que logo a transcede e a transfigura no processo de sua atualização.” E se “do assombro nasce a poesia”, como asseverou Cabrera Infante, é essa a inflexão dialética que inspira o poeta no seu polissêmico exercício.

Ronaldo Cagiano - Lisboa, Portugal - é escritor brasileiro e crítico literário. Autor, dentre outros, de *Eles não moram mais aqui* (Contos, Prêmio Jabuti 2016).



Quem tem medo do lobo mau?

Flora Figueiredo

Atravesso a trilha,
passo pela matilha,
com meu cesto de morangos.
Os lobos uivam,
a escuridão se espalha, a coruja pia.
Caminho como quem desafia o corte da navalha.
Invado fortalezas,
derrubo portões,
descosturo as teias que se enroscam nos porões,
piso na brasa.
De mãos vazias, enfrento punhais
que brandam ameaças com tábuas de leis universais,
dou as costas à jaula dos leões.
Durmo com o eco das cavernas
que conservam lendas frias, mas eternas,
insisto e chego.
Tiro o lodo das verdades imortais
que se colaram à sola do sapato.
Banho-me de sol, de mar, de vento brando.
Meu cesto de morangos permanece intacto.

Flora Figueiredo - São Paulo (SP) - é escritora, poeta, cronista, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*. Exerceu o cargo de vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.





Sobre fugas e urgências: tempo e memória na poesia de Dalila Teles Veras

Nathaly Felipe

A obra *fuga e urgências* (2022, Alfabeta) de Dalila Teles Veras manifesta uma escritura-leitura muito particular da memória. Não operando tal conceito somente como arquivo, a poeta arquiteta habilmente uma espécie de cartografia memorialística. A memória (trans)figura no livro não em termos restitutivos, mas como movência construída poeticamente.

A memória, neste caso, não se interessa por buscas genesiáticas, mas na possibilidade de se deslocar e de autoavaliar o movimento em si, entre mapas, entretempos. O senso comum atribuído ao tempo, em que há suposição de linearidade e segmentação de uma subjetividade no presente, que rememora o passado e prevê algum sentido de futuro, é reconfigurado. Dalila transpõe, sobretudo, o tempo sob a égide de Cronos, apesar de seu ponto de partida ser a cronologia pandêmica que nos acometeu entre 2020 e 2022, ano de publicação do livro.

Partindo inicialmente do tempo cronológico, nele registrando marcas profundas de cunho político e existencial, *fuga e urgências* possui duas séries de poemas. A primeira, “*noites insones, pandemia e desnor-teios*”, conta com conjunto de 25 poemas numerados e devotados a um sentir-pensar que compila o estado de coisas vivido durante a pandemia. Interessa, contudo, salientar como o tempo linear e histórico é perpassado por “tempo suspensão” de “(dores / perdas / lutos)” configurado, por sua vez como “tempo aprendizado”, conforme o primeiro poema-epígrafe do livro. Nesta série, todos os poemas são marcados tipograficamente pelo uso do itálico, configurando espécie de partitura para a leitura.

A segunda parte, intitulada “Tempo em fuga”, institui-se em dinâmica de espelhamento com relação à primeira. Os poemas ganham títulos, o uso do itálico é suspenso majoritariamente. “Tempo em fuga” atravessa vivências da poeta, anteriores ou concomitantes à pandemia, tempo de reflexão sobre a existência, sobre a passagem dos dias e as suas descobertas, sobre a velhice. Trata-se de tempo que foge à possibilidade da vida humana ou paradoxal e concomitantemente a consagra.

A fuga é o tempo em se que vive, mas também é momento de convivência com a obra, que suspende a própria fuga alardeada no título da série de poemas, reiterando a suspensão plurisignificativa de “*noites insones, pandemia e desnor-teios*”. O tempo é interdito pela tragédia que marca a história (a pandemia “fez o tempo parar”), assim como é possibilidade de “aprendizado” e de *duração*, de convívio visceral com o tempo histórico e consigo mesma. O conceito berg-

sonianiano é estrategicamente retomado e pensado a partir de uma fuga à linearidade cronológica. A resposta poética de Dalila Teles Veras ao tempo que escapa é também suspendê-lo, fazendo-o *durar* ainda que efemeramente, tal com se guarda um *souvenir* no bolso durante uma viagem (neste caso, a própria vida): “de ora em diante / seria preciso recolher com muito cuidado / todos os minutos desperdiçados / guardá-los nos bolsos do casaco / à espera”, anuncia o segundo poema-epígrafe do livro.

Uma nova pauta de leitura se abre ao leitor. Tanto é possível ler os poemas de “*noites insones, pandemia e desnor-teios*” e de “Tempo em fuga” individualmente, quanto podemos lê-los atravessados um pelo outro. A partir de possibilidade de leitura vária, a poeta institui certa concepção de tempo que não se identifica por linearidade, como dizíamos anteriormente. A demarcação exterior da vida subjetiva e coletiva e a compreensão retilínea do tempo concede lugar à memória que cartografa momentos, percepções, sensações e experiências. Espacializa-se na reclusão do apartamento, da varanda e das janelas em noites insones, vocábulos muito recorrentes na primeira série de poemas do livro, entremeada à segunda. O mundo, como espaço de habitação ao ser humano, parece sufocar, assim como sufocam os doentes e as “cidades aprisionadas” ou “trancadas” que espelham o confinamento espacial de seus habitantes, “seres vivos / atordoados e insones / acessam as redes virtuais”. Há virtualização da vida, do tempo e do espaço no aprisionamento dos seres estendido ao lugar em que se vive em busca de “um eco qualquer / que lhe diga / que lhes mostre / os mapas a percorrer”, constata o poema “2”.

Em “Tempo em fuga”, os textos dramatizam acelerações e diminuições de intensidades, de velocidades atuantes na memória compreendida nos termos de salto, de cisão, de ruptura e, sobretudo, de criação, se pensarmos a partir da Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze. A memória se configura como espécie de variação infinita que deforma ou *dá forma* a um tempo informe e, por isto mesmo, de natureza poética, plástica, portanto.

O emaranhamento da memória, seu caráter rizomático, em termos deleuzianos, diz respeito à *duração* nos poemas de Dalila Teles Veras. Em diferente tipo de temporalidade, a memória se espalha no mapa do tempo, pululando trajetos distintos. A *duração* se afasta da objetividade restrita e passa a se relacionar ao tempo da subjetivação. A *duração*, também como tenso convívio com o cotidiano e com suas consequências para a subjetividade, conduz o tempo à intensidade, ao devir, como lemos no poema “tempo suspenso”:

tempo suspenso

caso descrevesse a fugaz aparição como

:
um fenômeno óptico meteorológico
separou a luz do sol em seu espectro
(aproximadamente) contínuo
e o brilho de sua luz sobre gotas de chuva
formou uma curvatura colorida
com as cores do espectro solar

tal esforço teórico
pouco diria da
ponte celeste, erguida
sobre o azul
arcoirizando a tarde
visão plena de beleza

entre
fenômeno atmosférico
x

carga simbólica
vale a lenda
reencantamento
tesouros

over the rainbow

A gradação efetuada entre a explicação do fenômeno meteorológico e o caráter simbólico do arco-íris amplia-se à possibilidade poética de habitação interdita no mundo ou fundamentada entre diferentes mundos (o objetivo e o subjetivo, mas também o terreno e o celeste). A “ponte celeste” sintetiza mais uma vez a suspensão do tempo que, por sua vez, é tempo oportuno para um (re)encantamento do mundo acessado poeticamente.

O tempo como *duração*, portanto, é o tempo de coexistência de fluxos temporais distintos constituído concomitantemente ao momento da percepção de si e de outrem, incluso em tal gesto o mundo em que vive. A *duração* configura-se como fluxo diferencial, como o próprio movimento para que haja a constituição de uma diferença, de um sentir-pensar singular desenvolvido no fluxo do tempo e da memória. A memória da poeta se instaura como instrumento atuante em fluxos temporais heterogêneos e simultâneos, ao *aion*, referido por Deleuze, em detrimento do *chronos*.

É assim que a memória já transformada em matéria poética por Dalila opera: não se circunscreve a exposições unívocas e lineares frente à realidade. Sua estratégia (po)ética é a multiplicação pela qual se desdobram inumeráveis planos temporais que podem se afirmar ou se contradizer uns aos outros, no momento em que são experimentados pela percepção ou que são transmutados em sensação poética. O tempo em suspensão (da primeira série de poemas do livro) é também o tempo em fuga (do segundo conjunto de textos) da flor que desabrocha, se-



Dalila Teles Veras

guindo seu fluxo natural, apesar do vírus assassino de humanos estar sempre à espreita, como lemos no poema "8":

8

*a violeta africana
floriu no escuro
branca e roxa
pétalas bicolors frisadas
entre verdes aveludadas
tom sobre tom*

*nascemos
pela beleza, dizem-me*

*contrariando a poeta emily
retruco*

:

a poesia é sempre negação

A poesia é a negação da sombra, da morte, pois há o florescimento da violeta branca e roxa (mescla simbólica das cores que representam paz e melancolia), ainda que no escuro, ainda que sem condições estáveis para sua insurgência. A palavra insurgência é importante, já que se trata do eixo estruturante do poema: há a negação da vida pela beleza, lida sob a lente da arte pela arte, para que insurja a beleza como afirmação da vida nela mesma, a vida-viva, a vida acontecendo, apesar das terríveis adversidades que sofremos durante um tempo atroz.

Esse poema nega-se, portanto, à idealização que testemunha muito particularmente um átimo do cotidiano, uma possibilidade de ser e de estar em um mundo em que a humanidade permanece em escombros. Inclusive o cotidiano de convívio intenso com a leitura, enquanto materialidade palpável, como percebemos com a evocação de Emily Dickinson. Trata-se de estratégia presente em todo o livro de Dalila e que nos informa a que tradição a poeta se coloca criticamente, quais diálogos poéticos trava com precursores ou contemporâneos. Dalila Teles Veras compõe uma movente constelação poéti-

ca a partir de sua escritura-encontro com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa, poetas que integram a tradição. O gesto interlocutor se espalha também ao diálogo com poetas contemporâneos, como é o caso de Paulo Dantas, Conceição Bastos, Deise Assumpção, Márcia Plana, Fabiano Calixto, Tarso de Melo (todos relacionados de alguma maneira ao espaço de cultura, sebo, livreria e editora Alpharrabio, encabeçado desde os anos 90 do século XX por Dalila) e Natália Agra, seja por menção em notas, dedicatórias ou inserções nos poemas que anunciam, sub-repticiamente, parte das "leituras pandêmicas" que a poeta possivelmente realizou, já tornadas matérias para sua própria prática de escrita. Além disso, Dalila evoca amigos artistas: pintores, escultores, ilustradores que frequentaram ou frequentam ativamente o Alpharrabio.

O poema "8" também sugere que se existe negação à/da/pela poesia, talvez essa ação se efetive por uma espécie de retomada que ora celebra ora desvia da tradição poética. A negação aparece como dispositivo da poesia e do tempo presente, no qual o poema se atualiza, frente ao percurso cronológico. O poema parece sintetizar, portanto, certo tipo de edifício de pensamento, inclusive sobre a poesia, que reafirma a perspectiva intertextual, histórica e autoral do poético para a autora. Soma-se a perspectiva de visão da poeta frente ao mundo: os objetos mais banais, podem-se tornar, por que não, líricos (isto é, um modo de ser, de ver e de relacionar com o mundo, inclusive e decididamente o das palavras).

Não à toa, em "25", ao aprender a olhar para as coisas durante a pandemia: "o sujeito deve ser porta-voz / de sua coletividade" e anuncia, já quase como vidente (em duplo sentido, ao menos) que "o mundo pós-pandemia terá / valores feministas no vocabulário / ações que não passam pela bolsa // a única maneira de mudar as coisas / : / olhar para elas / l e n t a m e n t e". Demarca-se, portanto, uma forma de pensarmos a memória enquanto geradora de futuro, prospecção, mas também possibilidade inventiva, em que o memorialístico entrança o imaginário e sua potência criativa em um vir-a-ser contínuo.

Para além do poema lido, Dalila empreende uma nova síntese temporal em uma terceira série de poemas que se singularizam em *fuga e urgências* em sua parte final: "primeira pessoa do singular". Compostas à ocasião do aniversário da poeta, cada composição demarca cronologicamente sua idade, de seus setenta e um aos setenta e cinco anos, além de um poema que comemora seus 49 anos de matrimônio. Em todos esses textos há mudança estilística considerável: os poemas são mais extensos que os anteriores, flertam com o prosaico, sem perder a dimensão versificatória, e a marcação do "eu" que se enuncia, tal como o título da série indica, é mais acentuada (ainda que sua presença esteja pulverizada em todo o livro).

A poeta também se vale de subtítulos que recuperam, em certa medida, a divisão em parti-

turas distintas das duas partes anteriores à "primeira pessoa do singular". Todos os poemas desta série são subtintulados como tocatas, concertos, adágios, codas e réquiens), formando variações de "opus" (em que se encarna síntese de uma vida) a dialogar com diferentes vivências e experiências da poeta, à ocasião de seus aniversários. A memória é contundentemente reativada, ao que sugerimos o seguinte: Dalila elabora, pela via mnemônica, uma espécie de terceira síntese temporal que singulariza presente e passado multifacetados e entremeados ao futuro que sempre se anuncia enquanto repetição no eterno retorno de Nietzsche. Esse retornar recusa-se a repetir o mesmo, ao variar-se infinitamente em estratégia de repetição de outrem ou se *outrando*, como definiria Pessoa, nos termos da instituição da subjetividade poética enunciada em *fuga e urgências*.

Novamente, recorremos a Deleuze para considerarmos tempo e memória como questões criticamente refletidas a partir de e, sobretudo, *através do próprio livro*, no sentido de pensarmos o tempo como repetição e reversibilidade e a memória como reiteração de temporalidades coexistentes. Para além de tal leitura, consideramos a memória como estratégia poética a que Dalila recorre para nos oferecer o húmus alquímico de sua obra: uma contundente imaginação lírica que engendra mundos e futuros, tanto eternos retornos, quanto possibilidades de devires incessantes.

A seção "primeira pessoa do singular", nesse sentido, entra em ressonância com as duas primeiras séries de poemas do livro, no sentido de reafirmar a distensão espaço-temporal disseminada anteriormente por um modelo de temporalidades que se marcam cronologicamente e simultaneamente desfazem o lastro linear. Tais temporalidades assumem a forma de uma espiral que cresce e se ramifica todas as dimensões de presente, passado e futuro virtuais em um presente atualíssimo de sofrimento: o tempo (suspensão/fuga) também em fúria, porque é preciso impetuosidade (po)ética para sobreviver à fúria do próprio tempo vivido antes, durante e após a pandemia.

A imbricação de todos esses tempos, pelo expediente da memória que lembra, mas que, sobretudo, cria, é resultado da interação entre sujeito e real que transverte em cada poema de *fuga e urgências* um fluxo de afecções que constrói e concomitantemente desconstrói a subjetividade poética em repercussiva reciprocidade com o mundo, em estado de atenção plena.

Alguma bibliografia: DELEUZE, Gilles. *Diferenc' a e Repetic' ao*. São Paulo: Brasiliense, 2006. _____. *Proust e os signos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. _____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed. 34, 1997. TELES VERAS, Dalila. *fuga e urgências*. Santo André: Alpharrabio, 2022.

Nathaly Felipe - Maúa (SP) - é poeta, crítica literária e Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP.





O fardo da lavra

Evaldo Balbino

O lavrador
não lava a dor.

A dor lava
o lavrador,
sua cor,
sua flor,
seu fulgor.

Mas não o seu amor.

(do livro *Moinho*, 2 ed., Cabo Frio - RJ, Helvetia Edições, 2021. p. 42)

Evaldo Balbino - Belo Horizonte (MG) é professor, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Literatura



Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e presidente da Academia de Letras de São João del-Rei.
evaldo_balbino@yahoo.com.br

PASSADO

Maria de Lourdes Alba

Sombras de um passado
Que para frente levei
Sobras de um destino
Tempo que te amei

Recordo as tardes as noites
Em que contigo passei
Amores perdidos na sombra
Do destino que levei

Desejos que tarde se foram
Ao relento ao vento deixei
Passado que recordo com graça
Das tardes que te beijei

Maria de Lourdes Alba é escritora, poeta, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.
albalou@uol.com.br



A FALA MUDA DO MUNDO

Ernani Fraga

de Campo Mourão, essa minha aldeia,
olho o mundo triste sentado no quintal de casa

ele me olha em silêncio; em silêncio
sua fala muda de mundo em estertor
me diz que odiamos a desigualdade
mas que essa é só mais uma das muitas
discussões inúteis que conflagra os homens

em Campo Mourão, no Paraná, sentado
no quintal de casa, o mundo está triste...

ele diz sem dizer palavras mudas: as fatalidades
moram nas encostas da pobreza que há muito
deixou de ser eventual, tomou-se banal porque o mal
não é mais só este

universalidade maligna, profana
dentro e transcendente a todos, a tudo, ao redor
de todas as coisas, uma voz de míssil, drone,
dor e canhão, sopra desavenças, bombas, pedras,
palavras ásperas, sentenças duras no vento,
no ventre ininterrupto dos instantes arbitrários

tão preciso quão a semente da mostarda
conhece a si mesma e as pupilas saltem e as coisas sigam
acuadas e aflitas na direção oposta à da luz
é preciso um olhar que olhe
para compreender,

desde o muito pequeno ao muito grande,
a convicção transcendente, o movimento
constante dos caminhos vitais, seu inventário
de afetos invisíveis que, na matéria, adiam
o fim do mundo e nos cemitérios tornam
todos os homens parecidos...

então, como medir o que não tem tamanho,
o tamanho do amor, nos passos que damos
dentro do corpo, na alma e nas veias que sobem
as escadas da carne em direção aos céus
e pulsam nas manhãs
a Eternidade?

Ernani Fraga - São Paulo (SP) - é escritor, poeta, ator, diretor e dramaturgo.



Sem Nascente

Rosani Abou Adal

Rio de água barrenta
em pleno anoitecer,
a esperança dormente.
Ver a nascente
do rio renascer,
sonho imaginário.
Cinza chumbo o céu
em pleno amanhecer.
Tudo é noite no rio,
seu leito morto.
Último suspiro
sem despedida.
Sem piracema,
peixes viram memória.
Sem nascente, leito,
afluente e subafluente,
a terra seca banha a foz.

Do livro *Sonho Ilusório*,
Linguagem Viva, São Paulo (SP).

Rosani Abou Adal - São Paulo (SP) - é vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.
www.poetarosani.com.br



O que é Poesia?

Isabel Furini

A poeta responde
com calma:
- Poesia

é uma marca d'água
no espelho da alma.

Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora e educadora. Autora de Os Corvos de Van Gogh (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).



Yara Camillo

**Trabalhos de Tradução - Revisão -
Preparação de Texto
Tradução: do Espanhol e do Inglês.**

yaracamillo@gmail.com
Telefone: (11) 99772-8958 - Celular e Whatsapp



COLETIVO DI'VERSOS LANÇOU COLETÂNEA

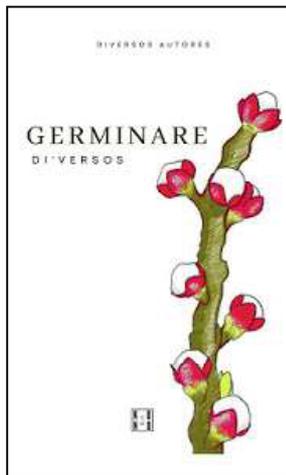
Germinare – Di'versos é o primeiro livro do Coletivo Di'versos Literatura e Arte que foi lançado pelo selo Kuno Editorial em parceria com o canal Caqui Literário, com a participação de 18 autores, no dia 12 de dezembro, no Casarão do Carmo, em Mogi das Cruzes (SP).

É a primeira antologia lançada pelo grupo, após a mudança do nome *Entremeio Literário* para o *Coletivo Di'versos Literatura e Arte*, que apresenta histórias da vida em forma de poesia e prosa.

O coletivo reúne escritores, poetas, músicos, entre outros artistas. Realiza saraus, lançamentos e inúmeras ações culturais. Os encontros são realizados toda segunda-feira do mês, às 19 horas, no Casarão do Carmo, Rua José Bonifácio, 516 – Centro, em Mogi das Cruzes (SP).

A obra abriga uma variedade de textos, desde prosa, crônicas e poesias. O prefácio é de Auro Malaquias, bibliotecário e membro da Academia Mogicruzense de História, Artes e Letras.

Participam da antologia Nilza Antônia Pereira Gomes, Fernando Moffa, Miriam Amélia, Bárbara No-



vaes, Filomena de Fátima, Roberto Cavenatti, Margarete Brito, Sueli Canfora, Esther Canfora, Sara Canfora Lopes, Sheila Ferreira, Marcia Villaça da Rosa, Gilce Maria Moreira, Nancy Barouch Tosta, Carlos Cantoni, Eduarda Bispo dos Reis, Caio Wilmers Manço e Eli Faria.

Instagram: @caquiliterario e @kunoeditorial.

<https://kunoeditorial.wixsite.com/kuno-editorial>

Lançamentos

Sonho Ilusório, poemas de Rosani Abou Adal, selo Linguagem Viva, 116 páginas, São Paulo. ISBN: ISBN 978-65-00-78810-5

A capa e ilustrações são de Janaina Adal da Costa Millan. O prefácio é de Maristela Sanches Bizarro.

A autora é escritora, poeta, jornalista, vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. Participou de antologias e tem trabalhos publicados no Brasil, França, EUA, Espanha e Argentina. Seus poemas foram traduzidos para o espanhol, francês, grego, inglês, italiano e húngaro.

A obra reúne 37 poemas sociais e ecológicos que retratam a devastação do ser humano e do Planeta, a ganância do poder, a causa indígena e dos negros, os políticos narcotizantes, a miséria, a luxúria, a fome e outros temas atuais em contraponto com as boas lembranças da infância e da vida para se viver sem violência e com igualdade de direitos entre todos os seres.

Rosani Abou Adal: (11) 97358-6255 - www.poetarosani.com.br



Moção de Aplausos para ALI



Vereador Cesinha Diniz de Sousa, diretores e membros da Academia de Letras de Itaquaquecetuba.

A Academia de Letras de Itaquaquecetuba - ALI - foi agraciada com Moção de Aplausos e Congratulações na 41ª sessão ordinária da Câmara Municipal de Itaquaquecetuba realizada no dia 12 de dezembro de 2023.

A láurea, uma iniciativa do vereador Cesinha Diniz de Sousa (Cesinha da Associação), teve como objetivo valorizar a língua portuguesa e a literatura brasileira.

Todos os membros da Academia, que foi formada recentemente no município, receberam a Moção que foi entregue pelo vereador autor da mesma.

As vencedoras do Prêmio Educador em Ação 2023 Adriana Martins da Silva, Silmara Lopes Piris e Icelida Alves Pereira também receberam moção de aplausos por seus projetos.

Os membros da Academia de Letras de Itaquaquecetuba agraciados com a Moção de Aplauso foram Aline Marques Dias, Claudia Cristina Mario dos Santos, Claudio Di Iorio, Cleiton Mendes Ferreira, Daniela David Carvalho, Everton Aparecido Peres Timóteo, Francisco Felipe Pereira de Souza, Icelida Alves Pereira, Jaudir Pereira dos Santos, Jean Narciso Bispo Moura, Jocilene Sodó Santos Luciano, José de Assis Lopes Assis Oderan, Leticia Feitosa Dellalibera, Lourdes Antônio Vicente, Márcia Aparecida Araújo Costa, Marco Antônio Vicente, Maria Cristoilma Almeida Rego, Maria de Lourdes Terumi Suzuki Nishimura, Mariana Ferreira Eloi Onofre, Marilda Arminda Vischi Soares, Marta Helena Kobayashi do Carmo, Michele Alves Feitosa, Michele Vieira Ribeiro Doneda, Nilza Amélia de Sousa, Roberto dos Santos, Sandra Regina dos Santos, Sellyara Belo, Silmara Lopes Piris, Solange Rodrigues Borges, Vagner Aparecido Marques, Walffy Magalhães Biserra - Luka.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br



Adriana Harger

Adriana Harger, escritora e presidente da Academia de Letras de Campos do Jordão, (com a obra infantil *Kamba, o Protetor da Gruta*, ilustrado por Monica Belda), Maurício de Souza Lino (com *Festival da Viola José Corrêa Cintra*) e João Pedro Ribeiro Pena (com *Os Recantos – Hotéis Tradicionais de Campos do Jordão*) foram os grandes vencedores do **Prêmio Eugenia Sereno 2023**, promovido pelo IEV – Instituto de Estudos Valeparaibanos. Os livros foram publicados por meio de edital público da Secretaria Municipal de Valorização da Cultura da Prefeitura de Campos do Jordão que patrocinou integralmente as obras em 2022.

A exposição Sempre fui forte em comemoração do aniversário de 60 anos da personagem Mônica, da Maurício de Sousa Produções, ficará aberta ao público para visitação até o dia 20 de fevereiro, na Casa das Rosas, Av. Paulista, 37, em São Paulo.

Ângelo Xavier, da editora Moderna, foi reeleito presidente da Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais em Assembleia Geral realizada no dia 14 dezembro. A nova Diretoria e Conselho Fiscal para o biênio 2024/2025 terá Ricardo Tavares como 1º Vice-Presidente, Flávia Bravin (2ª Vice-Presidente), Jorge Yunes (1º Tesoureiro) e Eduardo Mendonça (2º Tesoureiro).

A 94ª Feira do Livro de Lisboa será realizada de 29 de maio a 16 de junho de 2024 no Parque Eduardo VII.

Fabrizio Lima Oliveira, de Santo Estêvão (BA), com o poema *Esquizofrenia*, foi o vencedor do **X Prêmio Campos do Jordão de Literatura 2023** que contou com a participação de 325 autores de todo o país. Daniela Muelas Bonafé de Andrade, de São Paulo (SP), com poema *Corpo Estranho*, ficou em segundo lugar; e em terceiro, Eduardo Aleixo Monteiro, de Recife (PE), com o poema *Minimalismo*. A iniciativa é da Secretaria Municipal de Valorização da Cultura de Campos do Jordão que tem como secretário de Cultura Benilson Toniolo. Contou com apoio da Academia de Letras de Campos do Jordão. Os vencedores receberam o troféu Pedro Paulo Filho.

O Edital de Convocação n. 2/2023, publicado no dia 29 de dezembro no *Diário Oficial da União*, para a aquisição de obras didáticas do Programa Nacional do Livro e do Material Didático para a Educação de Jovens e Adultos, para o período de 2025 a 2028, ficará com inscrições abertas de 2 a 17 de maio de 2024 pela Plataforma PNLD Digital. Editores poderão inscrever obras didáticas destinadas a estudantes e professores da EJA da educação básica pública das redes federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal.

A Fundação Biblioteca Nacional lançou a edição número 40 da *Revista Poesia Sempre*, com a curadoria de Érico Nogueira, que terá a versão impressa lançada em breve. Disponível para download em <https://www.gov.br/bn/pt-br>

Notícias

Carla Benedetti, mestre em previdência e doutorando em constitucional pela PUC-SP, lançou o livro *Compêndio de Direito Previdenciário em 1000 perguntas e respostas*, publicado pela editora LuJur.

A Global Editora lançou uma edição especial comemorativa limitada com capa dura de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, em comemoração dos 90 anos de publicação da obra. A pintura da capa é do artista Cícero Dias que foi amigo de Gilberto Freyre.

A Rede de Leitura Inclusiva, da Fundação Dorina Nowill para Cegos, é formada por mais de 500 instituições de cultura, educação, organizações da sociedade civil, escolas e bibliotecas que trabalham pela leitura inclusiva no país.

Gerson Montemor lançou *Lendas Brasilis*, contos, pela Editora Viseu, obra que retrata situações inusitadas, vivenciadas por personagens do folclore brasileiro.

Armando Lucas Correa, escritor cubano, lançou o romance histórico *A Viajante da Noite*, pela editora Jangada. A obra narra a trajetória de quatro mulheres, de diferentes gerações, que vivem o amor, a perda, a guerra e a esperança, desde a ascensão do nazismo até a Revolução Cubana e a queda do Muro de Berlim.

Paulo S. Oliveira, professor titular da UNICAMP, lançou o livro de contos *O Amor Urbano* pela editora Telha. A obra reúne dez histórias de encontros e desencontros em cenários do Rio e São Paulo.

Antonio Carlos Pimentel Jr., professor e jornalista, lançou pela editora Com-Arte *A biblioteca vermelha de Raimundo Jinkings*. A obra documenta a história da formação do livreiro Raimundo Jinkings e das suas lutas para construir uma sociedade melhor e pela redemocratização da Cultura e leitura belenense, na segunda metade do século XX.

Ana Paula Pacheco, escritora e professora de teoria literária e literatura, terá a obra *Pandora* publicada nos EUA pela editora Transit que será traduzida para o inglês por Julia Sanches.

O Prêmio Governador do Estado de São Paulo 2023 agraciou na categoria Incentivo à Leitura o projeto de Ribeirão Preto *Revitalização de Bibliotecas* que é realizado pela Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto e pela Usina Alta Mogiana, através das leis de incentivo fiscal (Proac ICMS e Proac Editais).

O Clipe – Curso Livre de Preparação de Escritores, promovido pelo Museu Casa das Rosas - Av. Paulista, 37, em São Paulo -, está com inscrições abertas, na categoria adulto, até o dia 2 de fevereiro. O curso é gratuito. <https://www.casadasrosas.org.br/centro-de-apoio-ao-escritor/clipe>

A Livraria Insulto, especializada em obras sobre amor e sexualidade, funciona de terça a sábado, das 10 às 19 horas, Rua Tijuco Preto, 1368, no bairro Tatuapé, em São Paulo.

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados
em todo o território nacional.
Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>